

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Renata Rezende Marcon

Na alma e no corpo

A Segunda Guerra Mundial segundo as enfermeiras voluntárias do Brasil

Juiz de Fora

2019

Renata Rezende Marcon

Na alma e no corpo

A Segunda Guerra Mundial segundo as enfermeiras voluntárias do Brasil

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Departamento de História
da Universidade Federal de Juiz de Fora,
como requisito parcial a obtenção da
Licenciatura em História.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Pereira Gonçalves

Juiz de Fora

2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar aos meus pais, Sérgio e Angélica, por estarem sempre ao meu lado, me apoiando nestes longos quatro anos e meio, ouvindo meus desabafos e perdendo as crises e preocupações, e à minha irmã, Eduarda, por ser uma fonte inesgotável de compreensão e carinho, por me ouvir falar madrugada afora sobre as “minhas enfermeiras” e me amparar sempre. Amo vocês!

Aos meus amigos incríveis, grandes presentes que a História me deu, por ouvirem minhas dúvidas eternas, pelos muitos trabalhos em grupo e muitas conversas sobre tudo e sobre nada. Bia, Vitória e Leo, vocês nem imaginam como sou grata a vocês. Maria Tereza e Victor, que chegaram depois, mas têm um lugarzinho muito especial nessa trajetória. Rodrigo, que me ensinou muito mais do que imagina. Sem vocês, isso aqui não seria possível (mesmo).

Aos colegas que encontrei ao longo do curso, aos amigos do “3º andar”, agradeço os momentos de conversa sobre nossas pesquisas e os dias em que a hora do almoço se tornava sessão de terapia. Vocês foram essenciais e eu torço por todos vocês.

Agradeço também, em primeiro lugar, à professora Cláudia, por ter me dado o primeiro contato com o mundo da pesquisa e por ter me dito que, apesar das minhas dúvidas, essa monografia era possível sim, e valia a pena ser feita. Ao professor Leandro, que me orientou neste trabalho e o tornou possível, agradeço às críticas afiadas e a paciência. Aos professores do departamento, com quem tive contato ao longo destes anos e, em alguma medida, possibilitaram reflexões e opiniões que tornaram possível a construção deste trabalho.

Por fim, agradeço à Fátima, que administra a sede da Associação Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira (ANVFEB) de Juiz de Fora e, com tanta disponibilidade, fez o possível para me auxiliar nesta pesquisa, enquanto ela ainda engatinhava. Sem sua boa vontade em abrir a biblioteca da sede para me permitir encontrar minhas fontes, este trabalho não existiria.

“Como esquecer a guerra, nós que trazemos na alma e no corpo as marcas da sua presença, que jamais se apagarão?”

(Olímpia de Araújo Camerino, 1983)

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de promover uma discussão acerca da participação feminina na Segunda Guerra Mundial sob o olhar de duas mulheres que serviram como enfermeiras voluntárias pelo Brasil, utilizando, para isso, três livros de memórias de sua autoria, um deles publicado na década de 1950 e os outros dois na década de 1980. A pesquisa dialoga com correntes como a História das Mulheres e a Memória, como forma de obter um suporte teórico para as questões abordadas durante o trabalho. Busca-se destacar questões relativas às dificuldades específicas decorrentes do gênero feminino no conflito, sua relação com os(as) colegas com quem serviram e com o próprio trabalho diário, bem como os motivos que as levaram a registrar suas memórias e as variadas formas que seus textos adotam, o que estas características dizem delas e as potencialidades destes testemunhos para uma História mais significativa. Realiza-se uma análise de questões levantadas pelas próprias mulheres que fornecem as fontes deste trabalho, com o objetivo de compreender sua leitura do período, considerando as particularidades vividas por cada uma delas, durante e após a Guerra.

Palavras-chave: mulheres; enfermeiras; Segunda Guerra Mundial.

ABSTRACT

This essay intends to promote a discussion on the female participation in World War II, looking at three books of testimony published by two Brazilian voluntary nurses, one written in the 1950's and the other two in the 1980's. The theoretical background resorts on Women's History and studies regarding Memory, as a means to answer the questions raised in the following work. Said work highlights the issues related to the gender specific difficulties in serving in the War, their relationship with their colleagues with whom they served and their daily work as well as the reasons that lead them to write down their memories and the many shapes their text take and what these shapes tell about themselves and the potential of these testimonies to a more meaningful History. In this paper we reflect on the questions raised by these women with the goal to understand their read of that moment in time given the circumstances of each of their lives during and after the War.

Keywords: women; nurses; World War II.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	AS MULHERES BRASILEIRAS NA GUERRA	10
3	A MEMÓRIA DA GUERRA	18
	3.1 ELZA	21
	3.2 OLÍMPIA	24
4	AS DUAS VISÕES	27
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
	REFERÊNCIAS	37

1 INTRODUÇÃO

A história da Segunda Guerra Mundial já foi contada muitas vezes, em locais diferentes, sob perspectivas e focos variados, mas a experiência do Brasil ainda é pouco lembrada dentro da Historiografia. Não obstante, possuímos um número de estudos que buscam discutir o acontecimento para, por exemplo – os imigrantes que aqui viviam (Roney Cytrynowicz e Marlene de Fáveri) e para os “pracinhas” (Francisco César Ferraz) – como foram apelidados os soldados que serviram naquele período. Há um grupo que participou ativamente dos esforços de guerra, mas que pouco é lembrado e que se constituirá, portanto, como o foco deste trabalho.

O Brasil integrou em seu corpo de guerra um grupo de mulheres que se apresentaram como enfermeiras voluntárias, servindo nos hospitais de campanha, na Itália, lado-a-lado dos grupos norte-americanos. Serão estas enfermeiras as principais personagens desta pesquisa e as autoras das fontes a que se pretende analisar.

O trabalho se desenvolve à luz de reflexões sobre a História das Mulheres, em destaque Michelle Perrot e Françoise Thébaud e da perspectiva acerca da Memória e do testemunho, que seguem as discussões realizadas por Michael Pollak e Maurice Halbwachs.

Perrot e Thébaud aparecem aqui como as principais referências acerca da História das Mulheres, trazendo para este texto a base teórica para tais reflexões. Perrot se destaca na discussão da escrita feminina como fundamento para uma escrita da História da Mulher, visto que estas memórias e testemunhos caracterizam a participação feminina na História, pois não se encontram inclusas na história geral – com abundância de fontes documentais. Thébaud, por outro lado, possui diversos textos que buscam discutir a experiência feminina em grandes eventos históricos, em destaque as Guerras Mundiais.

Pollack e Halbwachs entram nesta pesquisa com o objetivo de trazer uma base teórica para as reflexões da memória e suas relações com a construção da História e da trajetória pessoal dos depoentes. Visto que as fontes desta pesquisa se caracterizam como parte de um grupo de pessoas que viveram uma mesma experiência traumática, Pollak se torna a principal referência para a discussão das memórias de grupo e como elas afetam a memória pessoal e a experiência daqueles que se enquadram em determinada experiência coletiva. Halbwachs complementa esta discussão, ao refletir sobre os reflexos do tempo no depoimento, ou seja, até que ponto e de que maneiras o tempo em que se realiza o ato de lembrar afeta a veracidade do relato e da experiência.

Esta pesquisa se constitui através da análise de livros de memória, à partir da experiência de duas enfermeiras que serviram na Segunda Guerra Mundial. Desta forma, a

escolha metodológica se dá como forma de atender a todos os critérios gerais que serão abarcados ao longo do texto e das reflexões que propõe. A consideração destas discussões, dando destaque aos autores citados acima, serão de fundamental importância para a realização das análises posteriores, à partir das fontes a serem abordadas aqui.

Foram selecionados como fontes primárias desta pesquisa três livros, escritos por duas mulheres que se voluntariaram como enfermeiras da FEB e serviram nos hospitais de campanha norte-americanos, estacionados na Itália. Deve-se destacar que os livros selecionados fazem parte do acervo das Associações Nacionais dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira (ANVFEB), que possui unidades em diversas cidades do país. Neste caso, as obras foram disponibilizadas pela unidade de Juiz de Fora. São elas:

- 1) O livro “Nas barbas do Tedesco”, publicado pela enfermeira Elza Cansação Medeiros, em 1955. Nele, a enfermeira e capitã da unidade brasileira no hospital onde estava estacionada, narra diversos episódios que testemunhou ou “ouviu contar” durante seu tempo de serviço no *front*. Escreve em forma de pequenas crônicas, inicialmente publicadas em um pequeno jornal de Pernambuco.
- 2) O livro “E foi assim que a cobra fumou...”, também publicado por Elza Cansação Medeiros, desta vez em 1987. Esta obra, apesar de ter um título diferente, constitui basicamente uma versão atualizada do primeiro. Nesta edição, a autora adota uma postura marcadamente mais crítica do período e, principalmente, sobre Getúlio Vargas. Dedicar as páginas iniciais à, desta vez, realizar um apanhado histórico e político dos acontecimentos que culminaram na entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial.
- 3) O livro “A mulher brasileira na Segunda Guerra Mundial”, publicado por Olímpia de Araújo Camerino, em 1983. Esta enfermeira foi, por um longo período, subordinada da primeira, e possui uma narrativa bastante diferente dela. Seu texto é marcado por uma perspectiva mais intimista e pouco crítica.

Esta pesquisa procura realizar um trabalho de memória, utilizando como fonte os livros publicados por Elza Cansação Medeiros e Olímpia de Araújo Camerino. Pretende-se aqui considerar a participação feminina no conflito como parte fundamental da História da Guerra, bem como analisar como cada uma destas mulheres compreende o momento e sua atuação nele, através de suas memórias.

O objetivo desta pesquisa é compreender de que maneiras as mulheres que se voluntariaram para o serviço de enfermeiras de guerra concebiam o período da guerra, as motivações do conflito e os acontecimentos decorrentes dele, que elas mesmas vivenciavam

cotidianamente no *front*. Procura-se também perceber a visão destas mulheres sobre o seu lugar naquele momento, a sua visão sobre o período e em que nível elas colocavam-se como personagens integrantes daquele espaço. Com a finalidade de compreender esta experiência e responder estas questões iremos, inicialmente, conhecer o que as duas enfermeiras escrevem e, posteriormente, realizar uma análise mais aprofundada de suas palavras e do processo de rememoração pelo qual passaram, até publicarem seus livros.

Inicialmente, discutiremos a participação feminina em conflitos violentos: como se relacionam com o conflito direto, as diferentes formas de exercer suas obrigações de mulher em momentos de inversão da ordem social tradicional, a experiência da violência para sua constituição pessoal como mulher, tudo isso através do destaque para a realidade brasileira, naquele período.

No capítulo seguinte, realiza-se uma reflexão acerca da constituição da memória e do testemunho, seu significado para aquele que recorda e para a historiografia, ao tomar a decisão de considerar estes relatos como integrante do que é a História; neste capítulo, está contida também uma descrição dos relatos que são feitos pelas duas mulheres que se constituem como fonte desta pesquisa. Compreende-se que, de modo que o leitor possa não estar familiarizado com a fonte, é necessário que tenha um breve contato com o conteúdo das fontes, para que possa se envolver idealmente na análise e reflexão que se seguirá.

Por fim, o último capítulo busca realizar uma análise comparativa das duas escritas, pensando no que as aproxima e as distancia, de forma a refletir a diversidade do relato e suas potencialidades para a compreensão da História.

Este trabalho se constitui como uma passo a mais no resgate da História das personagens que, por tempo demais, se encontraram fora do que era considerado importante. É uma procura por uma nova perspectiva da História, trazendo à tona vozes e palavras que raramente foram ouvidas. Em que medida a história contada por estas mulheres é importante? Em que esta nova perspectiva influencia no que já sabemos sobre a Segunda Guerra Mundial? Para a história brasileira, tudo isso ainda é novidade, ainda é um parte de nós que pouco foi explorada.

Estudar estas mulheres e sua participação neste grande conflito mundial representa, além de trazer à luz o trabalho de dezenas de mulheres brasileiras que se ofereceram para defender aquilo que acreditavam, também uma oportunidade de enriquecer nossa história, de saber mais sobre a história do Brasil, através das mulheres que fazem parte dela.

2 AS MULHERES BRASILEIRAS NA GUERRA

O mundo ainda não havia se recuperado plenamente da Primeira Guerra Mundial, terminada em 1918 quando, pouco mais de duas décadas depois, se viu testemunha de um novo confronto. Foi em 1939, com a invasão alemã à parte ocidental da Polônia, que se deu início a Segunda Guerra Mundial, com o rompimento de acordos de neutralidade por parte da França e Inglaterra, que declaram guerra contra a Alemanha.¹ Não demorou muito para que outros países começassem a declarar apoio à um dos lados do conflito.

Ao longo dos anos iniciais, o Brasil havia se mantido politicamente neutro, se restringindo à venda de materiais bélicos e suplementos. Isso mudou em janeiro de 1942 quando, após sofrer uma série de ataques em sua região costeira por parte dos alemães, o Brasil decide entrar, oficialmente, para os esforços de guerra, ao lado dos Aliados.² A população brasileira pressionava o governo, exigindo uma atitude concreta de resposta à estes ataques, e os Estados Unidos, não satisfeitos apenas com o fornecimento de materiais e suplementos, também exigia um posicionamento oficial. Assim, Getúlio Vargas, em 31 de agosto de 1942, declara guerra ao Eixo. Agora, deveria, por ordem dos EUA, formular um contingente brasileiro à ser enviado ao auxílio de uma das diversas bases norte-americanas.

Seria criada então, um ano depois, a Força Expedicionária Brasileira (FEB), que deveria reunir um número de soldados prontos para o *front* e um menor número de mulheres, que seriam empregadas nos esforços de guerra como enfermeiras, auxiliando os hospitais de campanha norte-americanos. Iniciam-se os preparativos e a procura por voluntários, seguidos de cursos preparatórios emergenciais. Seriam enviados para a Itália, em 1944, cerca de 25 mil homens e 73 mulheres, que serviriam como enfermeiras nos hospitais de campanha, prestando auxílio, principalmente, à equipe norte-americana.³

Destas 73 mulheres, por motivos diversos, 19 tiveram de retornar ao Brasil, deixando 54 enfermeiras brasileiras para cobrir os hospitais norte-americanos nas regiões em que se instalaram, na Itália. Algumas destas mulheres haviam estudado em cursos de enfermagem oferecidos por outras organizações, outras apenas no curso oferecido pelo governo – havendo ainda, no grupo, uma parteira. Deste grupo, duas mulheres têm destaque nesta pesquisa por

¹ FERRO, Marc. **História da Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Ática, 1995.

² FERRAZ, Francisco César. **Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

³ VALADARES, Altamira Pereira. **Álbum Biográfico das Febianas**. São Paulo: Centro de Documentação Histórica do Brasil, 1976.

serem autoras de livros onde registram suas memórias da Guerra, Elza Cansação Medeiros e Olímpia de Araújo Camerino.

A jornada destas enfermeiras se inicia nos últimos meses do ano de 1943, quando circula nos grandes jornais do país a notícia de que o governo está mobilizando uma unidade de voluntários brasileiros para compor a FEB e, para isso, precisam também de mulheres dispostas a integrar as tropas como enfermeiras de campanha.

Centenas de mulheres se apresentaram em diversos estados, prontas para realizar o curso de emergência oferecido pelo Exército, que teria a função de preparar, minimamente, as voluntárias para o exercício da enfermagem de campanha e, principalmente, de avaliá-las e classificá-las como meio de eleger as voluntárias que seriam enviadas para a Itália.

A enfermagem, juntamente com o magistério primário, constituíam carreiras adequadas para as mulheres que quisessem buscar uma vida profissional. Estas profissões se adequavam à narrativa de gênero da época, que colocava as profissões que requeriam cuidado e paciência como ideais para a mulher. Isso serviu perfeitamente ao propósito de incentivar as mulheres brasileiras para o voluntariado, ao justificarem que “cabia à mulher transformar seu amor pelo homem-soldado, que partia para a guerra, em patriotismo [...]”⁴. Para muitas mulheres, interessadas em “servir à nação”, a enfermagem era o único caminho possível.

É na Era Vargas que a organização política do cuidado à partir de valores humanitários, seculares, científicos e racionais se institucionaliza, no Brasil, e as barreiras da oposição de gênero começam a ser borradas pelo discurso ideológico nacionalista: “As mulheres deveriam contribuir politicamente com a nação e com o Estado à partir do lugar e das competências que lhes eram próprias ou naturais”⁵.

Neste momento, a perspectiva da enfermagem e do cuidado como funções sociais essencialmente femininas é cimentada na cultura brasileira pela ação da Liga Brasileira de Assistência. A LBA (1942-1995), fundada e coordenada, por muitos anos, por Darcy Vargas, existiu com o objetivo de promover assistência social às camadas mais pobres da sociedade brasileira e, inicialmente, prestar apoio às famílias de “pracinhas”.

⁴ CYTRYNOWICZ, Roney. A serviço da pátria: a mobilização das enfermeiras no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**. Rio de Janeiro v. 7, n. 1, p. 73-91, 2000.

⁵ MARTINS, Ana Paula Vosne. Gênero e assistência: considerações históricoconceituais sobre práticas e políticas assistenciais. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.18, supl. 1, dez. 2011, p.15-34.

A LBA, presente em todo o território nacional, promovia diversos cursos de capacitação para mulheres de todas as classes sociais, e se baseava no trabalho voluntário delas. Os cursos eram direcionados à capacitação para funções tipicamente femininas, como corte e costura, cozinha, assistência social e enfermagem. A Liga foi a organização que ofereceu os primeiros cursos de enfermagem, em que preparavam mulheres para auxiliar no resgate e atendimento daqueles que fossem feridos nos ataques aos navios da costa brasileira. A organização teve papel fundamental na vida das mulheres brasileiras, durante o período da Guerra.

“A LBA foi a primeira grande instituição de assistência social a atuar no Brasil, e tem sua gênese marcada pela presença das mulheres e pelo patriotismo”⁶, dando início a um processo de profissionalização feminina.

A decisão por se dedicar ao bem estar do lar, seja através da capacitação das mães e esposas para o auxílio na renda familiar, seja na assistência voltada à saúde e à higiene, por exemplo, veio do grupo de mulheres que coordenavam a Liga. Estas mulheres, pertencentes à alta classe social, filhas de famílias ricas e casadas com políticos e homens de alta patente militar, habitavam os mesmos círculos sociais e, através deles, reafirmavam padrões e normas de comportamento feminino “ideais”. Tinham como fator comum a maternidade e, assim, uma vez que foram convidadas a participar na organização da LBA, definiram qual seria seu objetivo filantrópico: a assistência à mães e crianças pobres.

Buscando maior participação na esfera pública e aproveitando o surgimento de uma configuração social que cobrava o cumprimento do dever cidadão feminino, estas mulheres passaram a se dedicar inteiramente à Liga, oferecendo cursos de formação, vistoriando famílias e fornecendo auxílio psicológico e higiênico, etc. Na medida em que a organização se estabelecia e fortalecia suas conexões com as autoridades do país – afinal de contas, era presidida por Darcy Vargas – pode oferecer serviços mais aprofundados e mais abrangentes, enfim oferecendo cursos de enfermagem e assistência social.

Com a criação da FEB, as voluntárias associadas à organização – mulheres de diferentes origens sociais, que haviam realizado os cursos oferecidos pela Liga e decidido se manter atreladas à ela – foram responsáveis por trabalhos minuciosos em diversas áreas: as mulheres que trabalhavam no setores de costura, ficaram responsáveis por produzir grande parte dos uniformes dos soldados e algumas que haviam se formado nos cursos de

⁶ BARBOSA, Michele Tupich. **Legião Brasileira de Assistência (LBA): o protagonismo feminino nas políticas de assistência em tempos de guerra (1942-1946)**. 2017. Tese (Doutorado em História) – Instituto de História, Universidade Federal do Paraná, Paraná.

enfermagem se ofereceram para integrar a FEB. Após a formação e envio das tropas para a Itália, as mulheres que permaneceram no Brasil passaram a oferecer diversos tipos de assistência: visitavam as casas de famílias de “pracinhas” para prestar assistência, ensinavam cursos de culinária e costura, para que as esposas e mãe dos soldados pudessem se sustentar enquanto os maridos e filhos não retornavam, exerciam serviços médicos e até mesmo, como parteiras.⁷

Ofereceu cursos de curta duração voltados à enfermagem, como o de Voluntárias Socorristas, com o objetivo de formar mulheres para auxiliar no resgate e cuidado daqueles que fossem feridos nos ataques aos navios. Algumas mulheres que se inscreveram para o Curso Preparatório já eram formadas pela LBA, pela Escola de Enfermeiras da Cruz Vermelha, como Samaritanas, ou pela Escola de Enfermagem Anna Nery. Sendo assim, já tinham alguma compreensão do trabalho a ser realizado – o que seria de grande utilidade, como veremos a seguir sobre a qualidade da preparação fornecida pelo governo.

Esta era a primeira vez que o Exército Brasileiro se via diante da obrigação de treinar mulheres – o que por si só já se constituía como um desafio – para um trabalho de enfermagem em um campo de guerra. É importante ressaltar que tudo deveria ser realizado no tempo de algumas semanas, com um mínimo de preparo anterior. O curso, sendo preparado e executado em tão pouco tempo, resultou em diversas falhas na preparação fornecida às enfermeiras, o que implicou em inúmeras complicações nos primeiros meses de serviço.

O Curso Preparatório do Exército buscou oferecer treinamento em diversas áreas que deveriam auxiliá-las em seu trabalho nos hospitais: passavam por treinamentos físicos semelhantes ao dos soldados, tinham aulas de francês, e estudavam enfermagem utilizando medidas e termos brasileiros. Apesar de, à primeira vista, parecer um curso completo, isso se desmancha sob um olhar mais dedicado: as enfermeiras brasileiras estavam sendo enviadas para a Itália para se juntar à norte-americanos. Ora, sendo assim, não faz sentido terem treinamento físico intenso, ou aprender francês, ou utilizar termômetros em graus Celsius, por exemplo.

Da mesma forma, sofreram com o uniforme fornecido pelo governo. Eram macacões de material fino, nada adaptados para o inverno europeu, e da cor verde-oliva – a mesma cor dos uniformes alemães, o grupo inimigo. Os integrantes da FEB se viram em diversas

⁷ BARBOSA, Michele Tupich. **Legião Brasileira de Assistência (LBA): o protagonismo feminino nas políticas de assistência em tempos de guerra (1942-1946)**. 2017. Tese (Doutorado em História) – Instituto de História, Universidade Federal do Paraná, Paraná.

situações perigosas devido à cor de seus uniformes, frequentemente sendo confundidos, por civis, como alemães – assim nos conta uma das enfermeiras estudadas aqui.

Como o Exército Brasileiro ainda não possuía um quadro oficial de enfermeiras, mesmo no Brasil, a situação das patentes oficiais ficou em suspenso. Isto é, até que desembarcassem na primeira locação e os problemas começassem a surgir. As enfermeiras não possuíam posto oficial do Exército, o que impossibilitava seu acesso à alojamento adequado e alimentação a que deveriam ter direito.

A aparente falta de preparo, de patente e a distância linguística tornavam a relação dos dois grupos de enfermeiras bastante complicada, em algumas situações. Como o treinamento, em nenhum aspecto, havia levado em consideração o fato de que se relacionariam com enfermeiras norte-americanas já experientes, várias complicações surgiam. As brasileiras, por exemplo, não sabiam converter a temperatura dos pacientes para Farenheit, ou não compreendiam o nome de um instrumento ou tratamento requerido pelos médicos devido à barreira linguística. Coisas como essas faziam com que não fossem confiadas em diversos trabalhos, e isso acabava por dificultar um entrosamento, mesmo que profissional, entre os grupos.

A distância de casa e da língua materna, a desconfiança de seu trabalho e o desprezo devido à falta de patente foram alguns dos desafios que precisaram ser superados para que as enfermeiras pudessem cumprir o papel a que haviam tão confiantemente se voluntariado a fazer.

Esses desafios, no entanto, não partiram apenas do governo ou de estrangeiros. Antes de partirem para a Itália, antes de sequer iniciarem o Curso Preparatório, essas mulheres já se tornavam alvo de boatos e ofensas. “A nossa guerra, na realidade, começou aqui mesmo”, é o que declara uma das enfermeiras, que também afirma que tachadas de “prostitutas que queriam ir para a guerra para fazer a vida”. O sentimento de revolta para com os brasileiros que as ofendiam, apesar de não estarem tão explícitos na extensão de seus livros, está sempre presente naquilo que escrevem, na maneira com que escolhem registrar suas histórias. São raros os momentos em que elas usam o espaço para exaltar seu próprio trabalho como enfermeiras, preferindo homenagear os soldados e generais. Ora, não seria essa opção um desejo de provar seu valor ao relacionar seus feitos aos homens que lá estavam?

Mulheres raramente são autoras de autobiografias, costumam preferir escrever sobre si mesmas através de memórias, onde se colocam como parte de uma história que não é a sua,

mas a de homens importantes da qual apenas fizeram parte.⁸ Independente da postura que cada uma destas mulheres, aqui, adotam, na escrita de seus livros, é essa a perspectiva geral que atravessa suas memórias. Suas memórias são, de uma forma ou de outra, profundamente marcadas pelos homens com os quais conviveram quando trabalharam nos esforços de guerra. Seus livros são escritos como uma forma de celebrar os “pracinhas”, se não completamente, então em maior destaque que elas mesmas.

A experiência das mulheres brasileiras na Segunda Guerra, no entanto, está longe de ser vazia de significado ou valor. Esse lado da História, ainda sem aprofundamento, tem o potencial de levantar reflexões e descortinar informações a que não se pode ter acesso de outra forma. O grupo chamado de Destacamento Precursor é um exemplo disso.

O Destacamento Precursor foi um grupo de cinco mulheres – as primeiras colocadas no Curso Preparatório – e alguns poucos oficiais de alta patente que foram enviados à Itália alguns dias antes à chegada do primeiro batalhão de “pracinhas”. O grupo deveria estar já habituado ao hospital e preparados para receber os soldados que chegariam logo depois.

A seleção de voluntários havia sido bastante frouxa e muitos dos componentes já possuíam problemas de saúde, podendo chegar ao front ainda mais debilitados e doentes. Estas cinco enfermeiras deveriam estar habituadas ao hospital e prontas para recebe-los e trata-los, pois seria impossível uma comunicação entre estes homens – em sua maioria de classe baixa e sem escolaridade– e as enfermeiras norte-americanas.

Como este grupo foi a primeira unidade brasileira a sair do Brasil, foram os que experimentaram as primeiras adversidades. A confusão decorrente da cor dos uniformes, levantada anteriormente, aconteceu com este grupo, e é um exemplo das potencialidades de se contar a história da FEB através das mulheres que a compuseram, principalmente por possuímos os escritos de Elza como fonte, que fez parte dele. Este episódio, necessário para a compreensão do que foi o cotidiano dos brasileiros na guerra, não poderia ser conhecido se não fossem consideradas as memórias das mulheres.

Aquelas mulheres, que testemunharam a violência da guerra cara-a-cara, também vivenciaram o descaso popular e do governo no período que seguiu ao fim do conflito. A FEB foi desmobilizada assim que o fim da guerra foi decretado, quando o grupo não havia ainda retornado ao Brasil, não receberam posto oficial do Exército – o que os impediu de receber auxílios a que tinham direito – ou algum tipo de certificado das habilidades que adquiriram. Essa decisão, além de impossibilitar uma carreira para aqueles jovens voluntários e

⁸ PERROT, Michele. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

voluntárias, desperdiçou habilidades e conhecimentos práticos que poderiam ter sido de grande valor para treinamento do próprio corpo militar brasileiro.

Para Elza, a FEB foi desmobilizada às pressas “pelo medo de que se agrupasse e, sendo uma tropa altamente treinada e que havia lutado para libertar os povos da Europa do jugo totalitário, se voltasse contra o regime vigente no País.”

Foi apenas na década de 1950 que o novo governo concedeu alguns direitos para aqueles que quisessem requerí-los. Para as enfermeiras, foi oferecida a efetuação no posto de 2º Tenente e a convocação para o Serviço Ativo do Exército. O direito a pensão especial para os veteranos da FEB, uma das concessões mais urgentes, só foi efetivada no ano de 1988, com a nova Constituição.

O retorno vitorioso da FEB, contra o nazifascismo, foi utilizado como símbolo de resistência contra o regime de Vargas e o que ele representava. Em 1964, grupos conservadores utilizaram a memória da participação brasileira na guerra para justificar o golpe militar, afirmando que estavam dando continuidade à sua luta histórica contra o totalitarismo e o populismo, agora representado por João Goulart.⁹ A maioria esmagadora dos que lutaram na Europa, no entanto, não teve participação nesses movimentos – a deposição de Vargas e/ou o golpe militar de 1964 – e não recebeu, destes grupos, nenhum benefício como veteranos de guerra.

O foco aqui, porém, não é a perspectiva militar do voluntariado ou da FEB como um todo. Estas enfermeiras não foram enquadradas como militares em nenhum momento, frequentemente sofrendo com o descaso do governo, seja ao serem negadas patentes oficiais, seja ao serem recusadas o cargo de enfermeiras do Exército – ou em qualquer outro lugar – e, por isso, não se encaixam no lugar de militares. Este trabalho não se pretende inserir em uma história militar, mas sim num estudo da memória de mulheres comuns que se constituíram como parte de um conflito mundial e decidiram, assim, contar sua experiência para quem se dispusesse a ouvir.

Françoise Thébaud, ao percorrer sobre o estudo das guerras à partir da perspectiva feminina¹⁰, afirma que o primeiro passo é fazer com que as mulheres apareçam, se tornem visíveis, ou seja, trazer para o centro da pesquisa a expressão direta delas. Ao colocar como objeto desta pesquisa os relatos de Olímpia e Elza, deixamos que elas se incluam na História, apenas criando espaço para que suas experiências possam ser consideradas como importantes

⁹ FERRO, Marc. **História da Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Ática, 1995.

¹⁰ THÉBAUD, Françoise. Understanding twentieth-century wars through women and gender: forty years of historiography. **Clio**. França: n. 39, 2015.

para a concepção do que sabemos sobre a participação brasileira na Segunda Guerra. Thébaud, então, nos alerta para um segundo problema: estas mulheres foram mais frequentemente estudadas no plural, como um grupo, e não como – ela exemplifica – uma enfermeira singular, em oposição às enfermeiras, como um coletivo.

Pretende-se, portanto, além de compreender a experiência feminina e brasileira da guerra, perceber como estas duas mulheres, que escreveram suas experiências com o objetivo de serem ouvidas, entendem a participação das mulheres brasileiras na guerra e o seu próprio papel no conflito, como significam e valorizam essa experiência.

3 A MEMÓRIA DA GUERRA

A História das Mulheres foi, por muito tempo após sua fundação, considerada uma parte separada da História, algo que não se encaixa muito bem no conjunto dos fatos que denomina-se História. As mulheres têm uma história, e é verdade que ela é diferente da dos homens. No entanto, ela merece ser examinada precisamente porque é diferente, sem que isso a signifique como um caso particular ou um problema específico da História, menos importante. Tem suas particularidades, mas não é particular à História.

A História da Mulheres fornece uma perspectiva diferente dos fatos, porque vivenciam os momentos históricos à partir de lugares diferentes do que normalmente se discute, e por isso possui experiências novas e diversas entre si. “A historiografia das mulheres demonstra, cada vez mais, que a história das mulheres não é idêntica para todas as mulheres e que nem todas as mulheres têm a mesma história”.¹¹

Uma das maneiras mais comuns de se conhecer a História pela perspectiva feminina é através de suas memórias, seja através da oralidade, seja através de seus escritos. A vida pública, até a metade do século XX, não era um espaço em que se permitia a presença feminina, então se voltavam para a intimidade, o particular, para escrever e refletir sobre sua vida. Assim, os textos femininos, até então, se dedicavam à realidade do lar e à família.

O pós-guerra trouxe, no entanto, novas necessidades e novas concepções sociais. As mulheres são obrigadas a tomarem parte na vida pública das cidades, e com essa inovação surgem novas sociabilidades, novas ideias, novos personagens e, logo, novas histórias.

Nesse mesmo período, a memória se constitui como fonte inquestionável para novos estudos históricos e também na mentalidade popular, criando novas concepções do que é História e as diferentes narrativas que fazem parte dela. Agora, a História pode se debruçar sobre pessoas cotidianas, de experiências diversas, e não mais apenas os grandes nomes. “A história oral e seu testemunho restituíram a confiança nessa primeira pessoa que narra sua vida (privada, pública, afetiva, política) para conservar a lembrança ou para reparar uma identidade machucada”.¹²

As pessoas que se dedicam a registrar suas vidas não o fazem sem um objetivo, sem uma motivação. Podem se voltar à própria intimidade, como uma maneira de racionalizar um evento pelo qual passou ou participou, ou se apresentar aos outros, para declarar e afirmar sua

¹¹ BOCK, Gisela. História, História das Mulheres, História do Gênero. **Revista Penélope**, Lisboa, n. 4, p. 147-178, 1990.

¹² SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

experiência pessoal sobre determinado acontecimento. Independente da razão, testemunhos pessoais são importantes para que possamos ter contato com múltiplas histórias, múltiplas versões de um mesmo fato, muitas vezes pela nova perspectiva do sujeito comum.

Essas escritas testemunhais aparecem, pela primeira vez, dentro de grupos que se identificam através de um mesmo acontecimento. Como afirma Pollak¹³,

[...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.”

Assim sendo, são nos grupos formados que se origina uma primeira configuração de identidade comum e uma busca por sentido naquilo que o une, ou seja, o evento histórico a que atravessaram. A memória destes grupos é importante para a valorização da experiência das pessoas que o formam, principalmente nos períodos pós-guerra, em que ninguém quer falar ou lembrar o sofrimento. No Brasil, no entanto, no contexto pós-Segunda Guerra, seja por falta de identificação popular, seja por uma inexistente valorização do Estado, a existência destes grupos não fez com que a experiência traumática de seus participantes fosse lembrada com tanta frequência.

A memória se constitui em duas etapas: primeiramente, o momento de lembrar um evento; segundo, o momento de contar e/ou registrar aquilo que se recorda. Ambas as etapas são marcadas pelas demandas sociais do período em que se sucedem, pelo que se acredita e pelo que se precisa que seja dito. Assim, não apenas *o que* se lembra é um reflexo do período, mas *como* se lembra também, bem como *o que* e *como* se registra estas lembranças. Apesar de parecer uma atividade que parte do íntimo, a memória é também um fenômeno coletivo e social, construído coletivamente e submetido a transformações constantes.¹⁴

Se a memória e o registro das lembranças de eventos marcantes ou traumáticos se dá como uma maneira daquele que escreve de racionalizar sua experiência e reafirmar uma identidade, a escrita feminina, na qual se baseia a corrente conhecida como História da Mulheres, adquire um novo escopo de reflexões e possibilidades.

A escrita feminina raramente se desprende da intimidade, por isso é frequentemente marcada pela autorreflexão. No entanto, há uma característica que se repete nestas fontes: as

¹³ POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, jul. 1992.

¹⁴ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

mulheres geralmente escrevem sobre suas vidas de modo a recordar e celebrar os homens que fizeram parte dela, deixando em segundo plano sua própria experiência e seu protagonismo naquilo que viveram.¹⁵

Nesta pesquisa, apresentam-se duas mulheres que procuraram registrar, da forma mais fiel à suas personalidades e suas vivências, a experiência do voluntariado em suas vidas, durante a Segunda Guerra Mundial.

Durante e após quase dois anos de serviço, os sobreviventes registraram seus relatos, suas vivências e memórias daquele período. Entre esses relatos, encontram-se livros publicados por duas enfermeiras que serviram na Itália, em que reúnem crônicas, lembranças, emoções e opiniões acerca do seu tempo como parte do esforço de guerra brasileiro. É através destes livros que este trabalho se realiza, buscando ouvir e trazer à tona o que estas mulheres dedicaram-se a registrar.

A análise a ser desenvolvida parte de três livros de memórias escritos por duas dessas enfermeiras. Olímpia e Elza, as autoras destes livros, expressaram desejo de valorizar sua experiência ao escrever sobre elas e publicar estas memórias. Este trabalho busca, mais que valorizar as enfermeiras voluntárias como um todo, ouvir o que estas duas mulheres têm a dizer sobre suas vivências, singular e pessoalmente, e o que se pode compreender à partir de uma reflexão acerca de suas memórias e suas leituras sobre o período.

Vale ressaltar que a esmagadora maioria das mulheres que se voluntariaram vieram de famílias de classe média, portanto possuíam certo grau de educação formal, uniformidade de valores e criação. No entanto, como iremos compreender ao longo da pesquisa, essas similaridades em nada minimizam o choque de concepções que cada uma faz de suas experiências.

Neste capítulo, então, iremos conhecer um pouco melhor as enfermeiras voluntárias que protagonizam esta pesquisa e o que elas escreveram sobre sua experiência na guerra. Quem elas são, de onde vem, como se voluntariaram e como foi a experiência do treinamento e dos hospitais de campanha, são algumas perguntas a serem respondidas aqui.

¹⁵ PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 9, n.8, p. 9-18, 1989.

3.1 ELZA

Elza Cansação Medeiros, nascida em 21 de outubro de 1921 (portanto, com 23 anos no período de criação da FEB), escreveu dois livros ao longo das décadas posteriores ao conflito: “Nas barbas do Tedesco”, publicado em 1955, e “E foi assim que a cobra fumou...”, de 1987. É filha de um importante médico do Rio de Janeiro, e cresceu nas condições que condiziam com o lugar social da família. Fez cursos de enfermagem antes mesmo de se voluntariar para a FEB e falava um pouco de francês e inglês. Devido à isso, foi escolhida como chefe de sua unidade hospitalar, trabalhando ao lado da chefe americana, com quem se comunicava e dividia as ordens dos superiores.

O primeiro livro publicado por Elza, “Nas barbas do Tedesco” (1955), se constitui em uma coleção de crônicas publicadas semanalmente no “Jornal Pequeno”, durante os primeiros meses de 1953. Por serem crônicas de jornal, a enfermeira contou as histórias divertidas, descontraídas, que vivenciou nos hospitais que serviu, e maioria esmagadora delas têm como protagonista os “pracinhas”. São marcadas pela leveza e pelo divertimento, e contam apenas episódios cômicos e descontraídos que Elza testemunhou ou ouviu dizer de outros colegas.

Neste livro, a autora procurou realizar apenas uma coleção de episódios. Não há um sentido narrativo completo, visto que não há nem mesmo uma ordem cronológica que ligue aqueles casos, ou espaço para reflexões maiores. Grande parte das crônicas que narra tem como protagonistas os “pracinhas”, e é raro que as enfermeiras apareçam como participantes. Mesmo ao considerar que estes casos se sucederam com a presença de Elza, pois ela está narrando suas próprias memórias, não é frequente que ela demonstre real participação naqueles momentos. Seu objetivo não é exaltar o seu trabalho ou o das enfermeiras, mas sim relembrar a FEB por todos os seus participantes.

Além de suas memórias, por ser apenas uma coleção de casos para circulação popular e não existir uma preocupação histórica, de fato, a autora narra um número de casos que ela mesma não presenciou, mas que ouviu de colegas – seja ainda em campanha, ou em momentos posteriores, já no Brasil.

É interessante perceber o desejo que Elza expressa, ao divulgar também casos que ela mesma não viveu, de incluir todos os seus colegas nas memórias que ela procura compartilhar com os leitores. Ao conhecer estes casos, para que possa contar, Elza demonstra que existiam, durante e depois da Guerra, relações de amizade e cumplicidade entre os “febianos” que os permitia compartilhar histórias e momentos. Ao trazer estas mesmas histórias para sua coluna no jornal, ela respeita a memória dos colegas e procura incluí-los em sua empreitada.

A questão política e as críticas ao período são deixadas de lado em “Nas barbas do Tedesco”. Além de censurar nomes de alguns colegas envolvidos em certas histórias, Elza escolhe não comentar sobre o cenário político da época ou dos momentos em que sofreram com a censura e a falta de notícias do Brasil, enquanto se encontravam no *front*. Também não há forte manifestação acerca da recepção das tropas em seu retorno ao Brasil ou o descaso do governo.

A obra é, simplesmente, uma coletânea de contos de jornal, escritas para circular no grande público e formar uma determinada opinião sobre a FEB. O objetivo era bastante direto: falar sobre as experiências dos brasileiros na Segunda Guerra, recordando-se apenas da descontração, nunca das dificuldades, dos sofrimentos.

Consideramos que estas características faltam em seu primeiro livro porque, na segunda edição da obra, a autora se abre muito mais ao leitor, se dispõe a ser mais sincera, mais crítica, e deixa claro o objetivo: disponibilizar suas memórias para que os brasileiros possam, enfim, compreender a FEB.

Em 1987, vinte e dois anos após a publicação de sua obra original, Elza publica “E foi assim que a cobra fumou...”. É nesta edição que seu projeto de fazer uma fonte para compreender e estudar a FEB se realiza. Neste livro, a autora reedita o original de 1955 de forma a torná-lo mais coeso e completo. A autora adiciona um prefácio, em que explica sua motivação para escrevê-lo e uma contextualização histórica completa, com todos os acontecimentos que levaram à Segunda Guerra Mundial e a consequente entrada do Brasil no conflito.

“E foi assim que a cobra fumou...” se apresenta de maneira mais completa ao leitor: a autora tem o cuidado de traçar uma contextualização histórica dos acontecimentos que levaram ao início de uma guerra e à entrada do Brasil nela, em que se destaca a leitura bastante crítica do período, maior destaque para a trajetória e o trabalho das enfermeiras voluntárias e um objetivo para a obra, explicitado já nas páginas iniciais.

Repete os casos que contou na primeira edição, mas agora sem censurar nomes e traz episódios inéditos, que refletem diretamente características sérias sobre a administração do governo sobre a FEB e seus participantes: conta de como sofriam com a censura exagerada¹⁶ ou a falta de contato com o Brasil e de notícias do país¹⁷, por exemplo.

¹⁶ Nos anos de maior censura do governo, a FEB também sofreu as consequências, mesmo estando em outro país. Todo dia, eram enviadas centenas de cartas aos soldados que estavam no front, que passavam anteriormente pensa inspeção dos censores, no Brasil. Qualquer mensagem que julgassem suspeita era recortada e o papel era enviado aos “pracinhas” com vários recortes, o que muitas vezes dificultava a compreensão. Elza conta que um colega, que frequentemente recebia cartas de uma

Nas palavras de Gérard Vincent, “os livros de história falam dos horrores, dos sofrimentos, das vítimas da guerra. Jamais de seus prazeres, suas alegrias.” Curiosamente, Elza decide fazer exatamente o oposto em seus livros de memórias, trazendo ao público as alegrias, os momentos em que se divertia com os colegas. Talvez essa escolha queira dizer de um desejo de conservar as boas memórias, ao invés de constantemente se lembrar das – enormes – dificuldades que enfrentavam.

Durante todo este livro, Elza não mais disfarça suas duras críticas para com o governo e Getúlio Vargas, se referindo à ele como “ditador tupiniquim” (p. 31) e afirmando, sobre sua motivação para ingressar na FEB, que “Embora estivéssemos sob um regime ditatorial, pautado no nazifascismo, não podíamos assistir indiferentes à opressão e ao sofrimento impostos aos povos conquistados” (p. 21).

Vale notar que, em ambos os livros, a autora destaca o principal motivo que a levou a se voluntariar para a FEB, mas que eles são diferentes em cada uma das edições. No primeiro livro, ela afirma que os voluntários se ofereceram com o objetivo de “defender nossos ideais democráticos e nossa soberania”; no segundo, a questão estava em utilizar “nossa experiência ditatorial” para lutar pela liberdade dos outros, mesmo que ainda não se pudesse lutar pelo fim da experiência ditatorial no Brasil.

Essa mudança pode parecer pequena, à primeira vista, mas ela traduz a transformação de perspectiva que Elza passa nas três décadas que separam as duas obras. Inicialmente, ela se abstém de qualquer expressão crítica ao governo, e se limita à contar as histórias – mas apenas aquelas que não contem muita crítica. Quando lança seu segundo livro, sua opinião se torna extremamente aparente, e ela assume uma posição crítica em relação à Getúlio Vargas e de seu governo, traçando comentários que vão desde sua administração do Brasil, como um ditador, até a preparação e auxílio fornecidos à FEB – que ela afirma serem muito poucos.

Desta vez, discute abertamente como se deu seu oferecimento para o voluntariado, dá os detalhes da realização do curso preparatório – com todos os seus problemas, o que omite no primeiro livro –, as dificuldades sofridas já quando integraram o Destacamento Precursor, em relação a contato com estrangeiros e dentre as próprias relações militares. As enfermeiras, seja

namorada bastante religiosa, passou a receber bilhetes recortados pois os censores recortavam os números que indicavam passagens da Bíblia que a moça enviava.

¹⁷Semanalmente, os acampamentos brasileiros recebiam jornais brasileiros e outras notícias transmitidas por rádio. No entanto, só os chefes de patente mais alta podiam ter acesso. Os “pracinhas” e algumas enfermeiras, com saudade do Brasil e sem poder ter notícias de casa, passaram a montar jornais falsos para circulação entre eles.

como um conjunto, seja como a experiência individual de Elza, adquirem considerável espaço neste livro.

3.2 OLÍMPIA

A segunda enfermeira que se torna objeto desta pesquisa é Olímpia de Araújo Camerino, através de seu único livro “A mulher brasileira na Segunda Guerra Mundial”. Olímpia nasceu em 19 de novembro de 1900 (tinha 44 anos quando se voluntariou), e escreveu seu livro de memórias, em 1983. Não existem muitas informações sobre sua vida pessoal, já que ela não se abre tanto como sua colega. Sabe-se, no entanto, que serviu no mesmo hospital que Elza e foi sua subordinada até a transferência da chefe, quando teve a oportunidade de ocupar o cargo que antes pertencia à colega. Suas famílias eram amigas desde antes da guerra.

O título que dá a seu livro traduz exatamente o que ela espera alcançar com sua publicação: exaltar a figura feminina que se fez parte integral do esforço de guerra do Brasil. Não se preocupa em narrar historicamente a guerra, os fatos, discutir os presidentes, a política ou toda a burocracia que é necessária para a realização de uma guerra. Suas palavras querem dizer do cotidiano da guerra, longe de tudo que era maior do que acontecia nos hospitais, onde a única preocupação era sobreviver e cuidar para que aqueles homens que estavam lutando sobrevivessem também – fossem eles brasileiros, americanos ou mesmo alemães.

Olímpia escreve suas memórias sem preocupar-se com qualquer ordem narrativa, como se deixasse fluir suas lembranças para o papel. Ela narra sua história como alguém que conta aquela época para uma pessoa querida, disposta a ouvir. Por este motivo, talvez, sua escrita é emocionada, marcada, ao mesmo tempo, pelo orgulho e pela saudade. Em seu livro, a protagonista é ela mesma, em relação com seus pacientes. Além dos limites do hospital, nada lhe compete e, de qualquer maneira, não importa.

A autora evita contar ao leitor experiências que ela mesma não tenha vivido pessoalmente, ou incluir pessoas que ela mesma não conheceu ou atendeu. Suas histórias não têm tom engraçado, não são descontraídas, e se resumem ao que viveu nos limites dos hospitais de campanha. Nunca o que aconteceu em momentos de folga, nunca o que aconteceu fora do hospital. Ela não se distrai, e isso de alguma forma parece representar sua personalidade enquanto enfermeira de guerra: extremamente centrada, focada no paciente e nada além disso.

Como afirma já na introdução de seu livro, ela irá contar a própria vida, e não a trajetória de todo um grupo de enfermeiras. No entanto, ao se deter à sua experiência singular, Olímpia fornece um vislumbre do que se consistia o cotidiano da enfermagem de Guerra, dos

pensamentos e ideias que caracterizariam o grupo. Ela não fala de outras enfermeiras nem de sua relação para com elas.

Todas as suas palavras são tingidas de um forte orgulho pela tarefa que realizou, por ter auxiliado os soldados – brasileiros e quaisquer outros que necessitassem de atendimento – na defesa do Brasil, como representante do que, para ela, significa ser uma mulher brasileira.

Olímpia nunca demonstra nenhum tipo de mágoa para com o governo ou Vargas, não faz reclamações sobre o Curso Preparatório ou o uniforme de má qualidade que lhes fora oferecido e não relata problemas organizacionais por parte do governo. Muito pelo contrário, tudo o que ela faz é tecer elogios para todos estes aspectos que a colega Elza, por exemplo, critica frequentemente. Para ela, se houveram problemas, eles não são importantes, quando se fala da FEB, pois tudo o que importa é o valor de seu sacrifício pelo Brasil e seu povo.

Ao falar da importância do seu uniforme e do orgulho que tinha em usá-lo, Olímpia escreve em sua homenagem alguns versos, como este, na página 23:

MEU UNIFORME!

Como sentiste as pulsações do meu coração.

Quantas vezes o auscultaste, ao sentires que ele batia mais forte.

Como o comprimiste, como o aqueceste!

Como secaste as minhas lágrimas que caíam sobre ti nas horas de dor, de amargura, de saudade!

Como embebeste as lágrimas daqueles que nos meus braços sofriam!

Como amparaste a neve que caía sobre mim naquelas manhãs frias, depois de uma noite de vigília!

A enfermagem, para ela, é uma forma honradamente feminina de cumprir o papel de mulher que luta pelo país. O cuidado, a assistência, o carinho, são características que dão valor ao seu trabalho. O uniforme, que usa com tanto sentimento, não pode possuir associações desagradáveis, pois era símbolo de seu grande feito, de sua grande realização, que foi auxiliar os soldados para que ele pudessem defender o país e vencer a guerra.

Auxiliar os soldados é o que torna o seu trabalho importante, e essa associação não é um problema para ela, não a torna inferior, ela não se sente desvalorizada, como o leitor poderia pensar. Esta é a forma ideal de marcar sua contribuição para a resolução da Guerra. Quatro décadas após o fim do conflito, isto ainda é um dos seus grandes orgulhos e motivo de leve saudade da época em que foi enfermeira.

Tudo espalhado pela área do Hospital. As enfermarias, vazias e silenciosas. Ambiente de que tudo havia acabado... O nosso acampamento, deserto. As nossas barracas, desmontadas. Era mesmo o fim! A recordação de tudo, a saudade do que vivi naquele Hospital muito me magoaram! Guardo vivo em minha memória o grande

cenário, no qual tanto lutávamos para salvar vidas e curar doentes!
(Olímpia sobre o desmonte dos hospitais após o fim da Guerra, p. 50)

O trabalho exercido por mulheres em tempos de guerra é frequentemente visto, por elas mesmas, como algo “não muito importante”, como se elas não tivessem feito “nada demais”. Isso acontece porque o que elas faziam, como cuidar dos doentes, manter os locais limpos e organizados, alimentar os que necessitavam, era algo muito próximo a sua realidade anterior à guerra¹⁸. Olímpia parece confirmar esta tese, ao afirmar que seu maior feito é auxiliar os soldados e desvalorizar seu voluntariado como algo de pouco valor, pouca importância, dispensando a coragem e a força necessárias para tal atividade e considerando-o apenas como um trabalho essencialmente feminino, e portanto uma obrigação que deveria cumprir.

¹⁸ THÉBAUD, Françoise. Understanding twentieth-century gender wars through women and gender: forty years of historiography.

4 AS DUAS VISÕES

O livro de Olímpia e a segunda edição do livro de Elza, mais completo e, portanto, considerado com maior peso neste trabalho, foram publicados originalmente com poucos anos de intervalo entre um e outro – quatro anos, precisamente, sendo o de Olímpia o primeiro. No entanto, as diferenças encontradas entre as duas narrativas são notáveis.

Por muito tempo, ambas serviram no mesmo hospital, Elza como chefe das enfermeiras brasileiras lá estacionadas, e Olímpia como sua subordinada. Vinham de círculos sociais aproximados, visto que suas famílias eram amigas já antes da Guerra e tiveram igual treinamento no Curso Preparatório do Exército. Essas semelhanças, porém, em nada refletem a visão que cada uma tinha do período e de seu serviço.

Podemos supor que a diferença de idade entre as duas – quando se voluntariaram, Elza tinha 23 anos e Olímpia, 44 – tenha exercido alguma influência nas interpretações que fizeram, na forma como vivenciaram e posteriormente registraram o episódio, a importância que colocam em cada aspecto da FEB e, portanto, o que decidem nos contar ao escrever seus respectivos livros.

Deve-se notar, no entanto, que os depoimentos que se fazem presentes nos livros escritos por Elza e Olímpia raramente podem ser devidamente checados, em outros documentos. Como este trabalho se dá a partir de uma perspectiva da Memória, vale ressaltar que o que importa mais aqui não é a verdade pura dos fatos, mas refletir sobre o que contam estas mulheres, sobre sua experiência particular, o que decidem realçar em suas publicações e o que escolhem silenciar.

O processo de rememoração empregado na escrita dos livros reflete diretamente a perspectiva que cada uma adotou, como forma de compreender, em sua dimensão mais particular e privada, este momento de suas vidas – o que cada uma escolhe recontar em seus livros se torna um meio de “extravasar” aquilo que pensam sobre sua experiência particular na Guerra e os mecanismos que utilizam para dar sentido àquilo que viveram.

Enquanto Olímpia se agarra aos pacientes de quem tratou, dando destaque ao trabalho, de modo a significar seu voluntariado, Elza se amarra às amizades e aos momentos em que se divertiam. Nenhuma destas perspectivas têm menor ou maior valor para pesquisa que aqui se desenvolve, é exatamente o contrário: é esta variedade que nos permite perceber a riqueza histórica que está em considerar estas narrativas femininas, a partir de suas diferenças e particularidades.

Elza demonstra uma enorme vontade se fazer presente no conflito e de contribuir para sua conclusão, desde o início de seu relato. Em “E foi assim que a cobra fumou”, declara que “não havendo mais em minha família homens que pudessem combater o inimigo [...] coube a MIM a obrigação de ajudar no desagravo da afronta sofrida”. Quando os bombardeios tiveram início, atacando a costa do país e matando dezenas de oficiais, Elza logo procurou cursos de enfermagem que a permitissem tomar partido no cuidado daqueles que fossem atingidos pelos ataques ainda em território brasileiro. Sendo a única enfermeira formada em sua cidade, não demorou a ser requisitada nos locais mais atingidos.

Em determinado momento, afirma que foi ela a primeira voluntária da FEB, ao oferecer seus serviços ao Exército mesmo antes que houvesse uma movimentação em torno da criação de um agrupamento brasileiro. Não há como checar este tipo de declaração, mas ao estar presente no livro, é possível perceber uma alusão à vontade de servir e de ser reconhecida, por parte de Elza.

Sua relação com os demais soldados e oficiais ocupam uma parte expressiva de seu texto. Mesmo que sua narração escolha não atravessar o cotidiano da Guerra, seu relato está envolto pelo relacionamento que possuía com os colegas. Nas crônicas que ela mesma vivenciou e/ou estava envolvida, destaca-se a relação com os demais – seja cuidando de um superior, contando com a vantagem de serem amigos para trata-lo melhor, seja quando estão se divertindo em momentos de descanso. Ao trazer para seu livro histórias que não vivenciou, mas ouviu contar, demonstra também uma relação pessoal que sobreviveu ao fim da Guerra, em que foi possível ter conhecimento daqueles casos, e estima-los a ponto de os incluir em seus livros de memória.

Elza não constrói uma narrativa emocionada, preferindo se manter nos temas mais leves, mais agradáveis, e sua visão daquela experiência acaba por se prender nas atividades fora do cotidiano do hospital. Conta muitos casos que aconteceram nos horários de folga, dentro das instalações ou quando passeavam pelas cidades e quando faziam atividades relacionadas ao trabalho, mas para além dos limites do hospital; mesmo as histórias que retratam fatos ocorridos durante as horas de serviço são narrados da maneira mais descontraída possível, muitas vezes em tom de brincadeira.

É interessante considerar a relevância desses momentos de distração, de descanso, que a enfermeira conta. Possuir informações sobre o cotidiano do trabalho e as dificuldades que enfrentavam as enfermeiras e os soldados é essencial, porque são essas informações que tornam possível uma compreensão mais geral de seu serviço – e também o que atinge o

objetivo de comprovar as dificuldades do trabalho, contrariando o que os brasileiros do período acreditavam, inicialmente. No entanto, estes momentos de descontração revelam o caráter mais humano da experiência – os momentos em que se reúnem para comemorar os aniversários do mês, os encontros do grupo secreto de enfermeiras, onde era proibida a entrada de “pracinhas”, os jornais de faz-de-conta, criados como uma forma improvisada de matar a saudade de casa, ou as sessões de leitura de poemas e apresentações musicais durante os períodos mais tranquilos no *front*.

São curiosidades como essas, que aparecem nas memórias de Elza, que têm o potencial de fornecer uma visão completa do que foi esta experiência. Conhecer a existência daqueles soldados e enfermeiras nestes momentos de diversão retiram a experiência da guerra de uma dimensão de distância, de “passado”, e a colocam na realidade próxima de quem só a conhece através dos livros de história. Estas canções e poemas, apresentados pela FEB, no *front*, por exemplo, estão registradas e podem ainda ser ouvidas¹⁹. A oportunidade de conhecer tantas histórias como essas não seria possível se não fossem as memórias como as que Elza compartilha.

Olímpia, podemos presumir, foi criada no mesmo ambiente econômico-social e com condições similares à Elza, visto que afirmam serem de famílias amigas de antes da Guerra. Sendo assim, não foram a educação formal ou a criação que influenciaram na maneiras contrastantes em que as duas mulheres significam sua atuação.

Olímpia constrói uma narrativa bastante emocionada, em que não tenta disfarçar seus sentimentos, ao relembrar a época em que foi enfermeira, um texto em que a palavra “saudade” aparece mais vezes do que se espera. Para ela, pouco importam os fatos que levaram à Guerra, a situação política ou os momentos de descontração entre os colegas. Seu texto não parece ter um objetivo narrativo concreto, apenas o desejo de se fazer ser compreendida, e honrada, através da lembrança de sua contribuição para seu país. Seu jeito de nos contar sua história parece, muitas vezes, como se estivéssemos ouvindo uma pessoa querida contando um fato marcante de sua vida.

Suas palavras são carregadas, ao mesmo tempo, por uma melancolia e por um grande orgulho. Percebe-se nitidamente a importância que aquele trabalho teve em sua vida, em sua trajetória e como isso contribuiu para a concepção de si mesma como mulher, cidadã do Brasil. É um sentimento muito forte, que se faz perceptível ao longo de toda a obra.

¹⁹ PAPPON, Thomas. **BBC resgata vozes e sambas esquecidos dos soldados brasileiros na 2ª Guerra**. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43385807>>. Acesso em: 23/06/2019.

A relação que possui com os colegas, seja durante ou após a Guerra, mais uma vez aparece apenas nos cenários em que ela se posiciona como uma enfermeira em contato com seus pacientes. Não há histórias de passeios com os colegas ou superiores, de piadas, nem mesmo com outras colegas enfermeiras. Olímpia é, de certa forma, mais rígida no que se trata das memórias pessoais que escolhe compartilhar com os leitores. O ato de escrever seu livro, e dar a ele o título escolhido – “A Mulher Brasileira na Segunda Guerra Mundial –, demonstra uma necessidade de divulgar o trabalho que exercia quando participou da Guerra; ao relembrar as situações em que era apenas enfermeira, e nada que escapasse à essa posição, ela deixa nítida a necessidade também de apresentar seu voluntariado como um período em que serviu e trabalhou pelo Brasil e pelos colegas, e nada além disso.

Ambas possuem em comum o fato de que valorizam a enfermagem como um trabalho tradicionalmente feminino, e que a importância de seu trabalho está diretamente atrelada ao auxílio médico e espiritual fornecido aos soldados brasileiros. No entanto, cada uma escolhe narrar suas experiências e aplicar valor à ela de uma maneira específica. Elza, apesar da feminilidade da enfermagem, defende o trabalho que realizaram e critica o governo por não as recompensar de acordo. Olímpia acredita plenamente que serve apenas para auxiliar os soldados, mas encontra nisso um motivo de orgulho pessoal e de relevância social que independe de falhas do governo, por exemplo.

Essa característica se apresenta como um fio de ligação, que atravessa todo este trabalho: ambas as mulheres estudadas aqui passaram por uma experiência traumática similar, em determinado momento de suas vidas, e decidiram lidar com suas lembranças da mesma maneira, ou seja, escrevendo e publicando um livro de memórias.

Assim, percebe-se que o exercício de escrever e registrar suas memórias, sua experiência pessoal, adquire um duplo significado: primeiro, existe com o propósito de reivindicar um valor social na História da qual fizeram parte, mas que foram ignoradas por décadas de suas vidas – seja por aqueles no poder, que desmobilizaram a FEB sem garantia de direitos e sem movimentos de apreciação pelo voluntariado, seja pela população brasileira, de quem ambas as mulheres relatam ser autora de frequentes ofensas e julgamentos. Logo, a publicação desse registro se mostra também como um movimento terapêutico, curativo, como se estivessem enfim contando a sua verdade para todos que, antes, não as quiseram ouvir.

Suas palavras se tornam mais poderosas a partir do momento em que percebemos e damos valor às diferentes maneiras com que cada mulher escolhe se lembrar do período, porque isso reflete as perspectivas singulares com que cada uma compreendia o contexto em que estavam

inseridas e o trabalho que fizeram, principalmente por se tratar se um episódio tão marcante para a história mundial.

Ao ler seus textos, que se mais de destaca são as variadas maneiras com que cada uma delas rememora e registra suas experiências particulares, principalmente como cada uma decide encarar as memórias tristes. Elza prefere não relembrar destes momentos, e suas histórias se viram para as boas lembranças que fez na Guerra, encarando as dificuldades com humor. Olímpia, por outro lado, possui uma abordagem bastante diferente, preferindo considerar estas memórias tristes como elas são, e deixando todo o sentimento transparecer em seu texto. São posicionamentos diferentes para com o leitor e, de certa forma, também para consigo mesmas, mas são posicionamentos honestos em relação à sua própria história.

É interessante pensar que, ao considerar as personalidades de cada uma, o foco que cada uma dá a seu textos pode ser bastante surpreendente. Elza, que destaca o descaso do governo e a falta de consideração da população brasileira para com as enfermeiras, nos faria imaginar que o foco de seus livros estaria na enfermeira. Poderia se esperar que, sendo mais politicamente expressiva, ela traria essa atitude para seu relato, também, em relação à si mesma, colocando o voluntariado e o trabalho das enfermeiras em destaque. Olímpia, por outro lado, se destaca por seu dedicado altruísmo, por uma atitude de caridade e feminilidade tradicional, e teria sentido imaginar que seu relato seria marcado pelo protagonismo dos “pracinhas”, dos soldados a quem ela tão carinhosamente cuidou.

No entanto, ao ler seus livros, percebemos que o que acontece é precisamente o contrário do que se espera. Elza, que prefere relembrar apenas as histórias divertidas e momentos alegres, conta anedotas que têm como principal personagem o soldado e o oficial brasileiro, deixando em segundo plano o dia-a-dia das enfermeiras e até mesmo a si própria. Ao escolher contar o máximo possível sobre a FEB, com o objetivo de a levar ao reconhecimento, acaba se esquecendo de valorizar o próprio trabalho, aquilo que a motivou e a levou, tão arduamente e com tantos custos, à estar presente na FEB e no *front*.

Olímpia não tem a pretensão de contar mais do que ela mesma sentiu e viveu. Não há desejo de exaltação maior do que contar sua história e, com isso, fazer com que seu leitor se sensibilize com o trabalho da enfermagem de guerra e perceba a natureza do amor e do cuidado em que, aos seus olhos, o trabalho se resume.

Ambas, entretanto, tem em comum uma característica: dedicam uma mínima quantidade de páginas de seus livros para elogiar a enfermagem voluntária, à si mesmas e às colegas, pelo voluntariado e pelo trabalho. É nítido que elas valorizam a participação que exerceram na Guerra, mas pouco falam sobre o valor que acreditam ter, elas mesmas, ao se endereçar ao

leitor. Ao escreverem suas histórias e as publicarem em livros, elas tomam uma decisão de se fazerem ser ouvidas, mas, ao mesmo tempo, se omitem em suas próprias palavras.

Olímpia, por exemplo, reproduz, no fim do livro, em uma seção que chama de “Referências Diversas”, ou seja, um espaço para outras palavras que não se encaixam no conteúdo principal a que se dedica, mensagens que recebeu de colegas “pracinhas” e comandantes da FEB, sobre sua atuação. O trecho, reproduzido abaixo, exemplifica a valorização que ela mesma dá ao seu trabalho sempre atrelada à palavras de outros, nunca dela mesma:

“Aqueles, fazendo de sua atuação na campanha um verdadeiro sacerdócio, enfrentando a dura e dolorosa realidade dos hospitais de guerra com bravura, estoicismo e dedicação; transportadas para uma vida completamente diferente daquela a que estavam acostumadas, plena de sacrifícios imensos e trabalhos sem fim, produziram o melhor dos seus esforços para conceder aos soldados feridos, além da assistência médica, uma atenção carinhosa, que lhes transmitisse um pouco de ânimo nos transe dolorosos que curtiam. Foram verdadeiras heroínas anônimas e obscuras, trabalhadoras silenciosas, de dedicação sem limites.” (OLÍMPIA, p. 95)

Entram em acordo quando relatam as ofensas e julgamentos que ouviram da população, de estranhos e parentes, quando se voluntariaram. Cada uma delas lida de maneira bem diferente com isso: para Olímpia, tudo aquilo adquire um tom de tristeza, de amargura, que se reflete em seu relato e se apresenta como um dos principais objetivos para a publicação de seu livro, ou seja, na esperança de que aquelas mesmas pessoas possam conhecer como era, de verdade, como era o trabalho cotidiano das enfermeiras, sem omitir o sofrimento e as dificuldades. Elza, no entanto, relata estes julgamentos com uma certa revolta, uma mágoa enraivecida, que não se nota em Olímpia.

Mais que tentar desvendar os motivos pelos quais cada uma dessas mulheres compreende seu voluntariado e seu serviço em perspectivas tão diferentes, entretanto, o que nos vale é perceber como, apesar destas diferenças, seus relatos se tornam chaves fundamentais para conhecer a participação da mulher brasileira na Segunda Guerra e valorizar o episódio como peça fundamental da história brasileira.

Cada uma a seu modo, com suas particularidades e suas prioridades, suas crenças e experiências procuram, ao escrever suas memórias e compartilhá-las com os leitores que se disponibilizarem a ouvi-las, que sejam finalmente valorizadas por seu trabalho como

enfermeiras de Guerra, e que seu trabalho seja compreendido como elas o conceberam e ainda o enxergam. Esperam, enfim, que seu leitor agora possa valorizar as enfermeiras voluntárias como os brasileiros de antes não puderam fazê-lo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aqui desenvolvida teve como objetivo estudar um tema ainda pouco trabalhado: a participação das mulheres brasileiras, como enfermeiras voluntárias, na Segunda Guerra Mundial. Para isso, utilizou-se livros de memórias escritos e publicados por duas destas enfermeiras, nas décadas posteriores.

Ao analisar o conteúdo de seus textos, as histórias que contam e a maneira com que cada uma decide registrá-las, damos um passo a mais em direção à compreensão do papel feminino e brasileiro neste conflito, desvendando novas informações e experiências que, até então, não haviam sido discutidas.

As duas protagonistas desta pesquisa, Elza e Olímpia, possuem opiniões bastante diversas sobre a experiência da guerra a que fizeram parte. Apesar de estarem enquadradas em um mesmo serviço, num mesmo episódio histórico e virem de condições sociais similares, as duas expressam visões contrastantes.

Para Elza, suas experiências pessoais não se separam da dimensão política em que está inserida: em diversas passagens de seu texto, ela inclui comentários que refletem a situação política brasileira e exterior, muitas vezes direcionadas à Getúlio Vargas – seja ao comentar da censura extremada a que foram vítimas, no *front*, seja para se referir aos uniformes de baixa qualidade que lhes foram fornecidos. Olímpia, por outro lado, evita qualquer perspectiva que possa ter algum teor político e se concentra em suas experiências pessoais, elogiando todas as contribuições do governo.

Essa característica demonstra bem a diferença entre as duas: apesar de ambas escreverem seus livros de memória como uma forma de contar sua história e questionar a opinião popular sobre elas (como elas mesmas afirmam, bastante negativa), elas o fazem através de opiniões particulares bastante contrastantes. Olímpia concorda com o discurso tradicional da enfermagem como profissão inteiramente feminina, devido à dimensão do cuidado e da doação pessoal; Elza, ao passo em que concorda com a colega, também enxerga uma dimensão muito maior de significado de seu voluntariado. Para ela, não é suficiente que sejam lembradas como as mulheres que auxiliaram os “pracinhas” na vitória da guerra, mas que sejam celebradas também como integrantes fundamentais de sua luta, pelo trabalho que exerceram como personagens atuantes daquele conflito, não apenas como auxiliares.

Através da atitude de registrar e publicar suas memórias elas expressam, cada uma a sua maneira, o desejo de fazerem parte da História. A escrita se torna uma maneira de reivindicar um lugar que lhes foi negado, e este trabalho se constitui como uma tentativa de primeiro

esforço nesse sentido: ao buscar conhecer e compreender a visão destas mulheres sobre seu voluntariado, dar à elas uma chance de serem ouvidas e valorizadas como parte essencial da História do Brasil e da História das Mulheres.

A ocultação nestes dois campos da História muito nos diz sobre o que se deu da participação feminina na Guerra e na vida destas mulheres: o status social da mulher, na sociedade brasileira do pós-guerra, não se modificou. Elza e Olímpia não falam de suas vidas pós-guerra em seus livros e, nos raros momentos em que o tempo da escrita se faz claramente visível, é possível perceber que não houve uma grande mudança na vida destas enfermeiras.

Primeiramente, é importante ressaltar que seus livros não se constituem como uma autobiografia, portanto não poderia conter histórias que fogem ao período da guerra, momento em que se dedicam a lembrar do seu trabalho e dos colegas “pracinhas”.

No entanto, essa ausência diz de uma condição importante: a guerra teve pouca influência em suas vidas, depois que ela acabou. Não puderam manter a profissão de enfermeiras ou mesmo os direitos que deveriam usufruir como veteranas militares; como a guerra não chegou completamente ao Brasil, não houve mudanças na vida diária das pessoas, não houve abalo na estrutura de poder social já vigente, de modo a permitir que estas mulheres tivessem alguma nova perspectiva a que não tivessem acesso antes.

Se isto é verdade para países europeus, em que a realidade da guerra atingiu diretamente o cotidiano popular, isto se aplica ainda mais perfeitamente à sociedade brasileira. Não é questão de as mulheres terem exercido algum trabalho fora do lar, mas sim do que tal ofício representava. Para as mulheres, o fato de terem trabalhado como cuidadoras, costureiras, etc – aqui enquadram-se as enfermeiras enviadas à Itália, bem como as mulheres que trabalharam na LBA – significou que apenas mantiveram suas obrigações femininas, e que seu voluntariado era apenas uma extensão de seu papel social tradicional. Assim, após o fim da guerra, não havia nenhum choque às obrigações tradicionais do gênero, portanto era apenas questão de tempo até voltarem à normalidade.

É claro que, a longo prazo, o trabalho das enfermeiras voluntárias contribuiu para uma maior abertura da profissão para as mulheres, bem como os serviços prestados pela LBA também contribuíram para o início de um questionamento das regras hierárquicas sociais e consequente abertura do mercado de formação e trabalho para a profissionalização feminina, mas tudo isso não teve impacto imediato na vida destas voluntárias da Segunda Guerra.

Seu voluntariado, assim como o trabalho que exerceram, não foram nada valorizados no pós-Guerra. Foram desmobilizadas antes de retornarem ao Brasil, não receberam nenhum auxílio militar e suas habilidades práticas, adquiridas durante o serviço, foram ignoradas pelo

governo, de modo que não puderam nem mesmo continuar exercendo a profissão quando retornaram ao país e às suas vidas normais. Sua única chance de obter algum reconhecimento foi através de suas memórias, o que, como pode-se perceber, mesmo após tantas décadas, ainda não aconteceu.

Em conclusão, este trabalho buscou investigar a experiência feminina brasileira na guerra através de sua própria escrita, suas memórias e recordações do conflito e de seu lugar dentro dele. Percebe-se, agora, as diferentes experiências acerca daquele período para estas duas mulheres que fizeram parte dele, diretamente, mas que por tanto tempo tiveram suas experiências ocultadas. Deve-se valorizar as potencialidades que surgem ao ouvir e discutir este lado da história da Guerra, para a História das Mulheres e a História do Brasil, trazendo uma outra perspectiva acerca da profissionalização feminina, do Brasil enquanto personagem deste conflito mundial e de suas mulheres como agente da História.

REFERÊNCIAS

FONTES PRIMÁRIAS

CAMERINO, Olímpia de Araújo. **A mulher brasileira na Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Capemi, 1983.

MEDEIROS, Elza Cansação. **E foi assim que a cobra fumou**. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

MEDEIROS, Elza Cansação. **Nas barbas do Tedesco**. Rio de Janeiro: Americana, 1955.

BIBLIOGRAFIA

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **A guerra não tem rosto de mulher**. São Paulo: Cia. das Letras, 2017.

BARBOSA, Michele Tupich. **Legião Brasileira de Assistência (LBA): o protagonismo feminino nas políticas de assistência em tempos de guerra (1942-1946)**. 2017. Tese (Doutorado em História) – Instituto de História, Universidade Federal do Paraná, Paraná.

BERNARDES, M. M. R.; LOPES, G. T.; SANTOS, T. C. F. As enfermeiras na Força Expedicionária Brasileira: a criação de um habitus militar na 2ª Guerra Mundial. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, p. 370-377, 2004. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=127718062007>>. Acesso em> 09/11/2018.

BOCK, Gisela. História, História das Mulheres, História do Gênero. **Revista Penélope**, Lisboa, n. 4, p. 147-178, 1990. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2689956>>. Acesso em: 09/11/2018

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 16. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CALLIGARIS, Contardo. Verdades autobiográficas e diários íntimos. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, RJ, v. 11, n. 21, p. 43-58, 1998. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2071>>. Aceso em: 28/04/2019.

CYTRYNOWICZ, Roney. A serviço da pátria: a mobilização das enfermeiras no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**. Rio de Janeiro v. 7, n. 1, p. 73-91, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010459702000000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 09/11/2018.

- FAVÉRI, Marlene de. **Memórias de uma (Outra) Guerra: Cotidiano e Medo Durante a II Guerra**. Itajaí: Univale, 2004.
- FERRAZ, Francisco César. **Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- FERRO, Marc. **História da Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Ática, 1995.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.
- HIGONNET, Anne. Mulheres, imagens e representações. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (orgs.). **História das mulheres no ocidente: o século XX**. Porto: Afrontamento, 1991.
- KOFES, Suely; PISCITELLI, Adriana. Memórias de "histórias femininas, memórias e experiências". **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 8/9, p. 343-354, jan. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1887>>. Acesso em: 28/04/2019.
- MARTINS, Ana Paula Vosne. Gênero e assistência: considerações históricoconceituais sobre práticas e políticas assistenciais. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.18, supl. 1, dez. 2011, p.15-34. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702011000500002&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 24/05/2019.
- OLIVEIRA, A. B. de, SANTOS, T. C. F.; BARREIRA, I. A.; LOPES, G. T.; FILHO, A. J. A.; AMORIM, W. M. Enfermeiras brasileiras na retaguarda da Segunda Guerra Mundial: repercussões dessa participação. **Texto & Contexto Enfermagem**, Santa Catarina, v. 18, n. 4, p. 688-696, 2009. Disponível em: <<http://2011.redalyc.org/articulo.oa?id=71413597010>>. Acesso em: 09/11/2018.
- OLIVEIRA, A. B., SANTOS T.C. Entre ganhos e perdas simbólicas: a (des) mobilização das enfermeiras que atuaram na Segunda Guerra Mundial. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 423-428, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141481452007000300005&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 09/11/2018.
- PAPPON, Thomas. **BBC resgata vozes e sambas esquecidos dos soldados brasileiros na 2ª Guerra**. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43385807>>. Acesso em: 23/06/2019.
- PERROT, Michele. **As mulheres ou os silêncios da história**. São Paulo: EDUSC, 2005.
- PERROT, Michele. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

- PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 9, n.8, p. 9-18, 1989. Disponível em: <https://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=3846>. Acesso em: 14/06/2019
- POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941>>. Acesso em: 09/11/2018.
- SANTOS, T. C. F.; BARREIRA, I. A. A mulher e a enfermeira na nova ordem social do Estado Novo. **Texto & Contexto Enfermagem**, Santa Catarina, v. 17, n. 3, p. 587-593, 2008. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=71417323>>. Acesso em: 09/11/2018
- THÉBAUD, Françoise. Understanding twentieth-century wars through women and gender: forty years of historiography. **Clio**. França: n. 39, 2015. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/cliowgh/538#quotation>>. Acesso em: 15/11/2018.
- VALADARES, Altamira Pereira. **Álbum Biográfico das Febianas**. São Paulo: Centro de Documentação Histórica do Brasil, 1976.